

“O QUERER É O ETERNO PODER”: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA NO BLOCO AFRO

Jônatas Conceição da Silva

Para Vovô

O ano de 1992 foi lembrado nas Américas e Europa como o do descobrimento por Cristóvão Colombo de terras além-mar, de um outro e diferente mundo daquele da Idade Média européia. Oficialmente, celebrou-se um encontro harmonioso de culturas diferentes. Para nós, lembramos o massacre e a tentativa de dizimação de povo das nações indígenas e, posteriormente, de negros oriundos de civilizações africanas.

No Brasil, foi sistemática a exclusão do homem negro de todo o processo político-econômico-social. Num passado próximo, através do sistema escravocrata e, após a abolição do trabalho escravo (em 1888), através da ideologia do embranquecimento,¹ que retira do homem negro a sua identidade étnica, impossibilitando-o de se agrupar socialmente e reivindicar direitos de cidadania plenos e inerentes à sua população.

As reações a esta política genocida (cultural e física) do governo elitista branco brasileiro, nesses 492 anos de história oficial, foram inúmeras e significativas. Na época da escravidão, tivemos a luta dos quilombos e as revoltas urbanas de escravos.² Pós-abolição,

¹ No “Programa de ação do Movimento Negro Unificado”, de 1992, no capítulo relativo à educação, lemos o seguinte: *A prática pedagógica, que conspira contra crianças, jovens e adultos negros, tentando silenciá-los enquanto cidadãos, realiza-se no interior das escolas. Sejam públicas ou particulares, estejam no centro ou na periferia, nas zonas urbanas ou rurais. Essa violência praticada dentro da escola traz conseqüências nem sempre visíveis de imediato, tanto para a garantia dos direitos fundamentais da pessoa humana, quanto para o cidadão negro em formação. É fato que os negros que conseguem concluir algumas etapas da escolarização são submetidos a humilhações que dificultam, ou até impedem, a formação de uma identidade racial negra. No período escolar, o negro é obrigado a aceitar um processo de embranquecimento, que busca atingi-lo em sua essência. Não raro, e por razões já sabidas, muitas crianças e jovens afastam-se de sua comunidade, de seu povo, rejeitando-o em conseqüência da violência racial de que foram vítimas. É o preço que pagam por terem permanecido na escola.* (Ainda sobre a questão do embranquecimento, ver o livro de Neusa Santos Souza, *Tornar-se negro*, Rio de Janeiro, Graal, 1983).

² Sobre quilombos e revoltas urbanas, recomendamos as seguintes leituras: *O quilombo dos Palmares*, de Édison Carneiro, São Paulo, Brasiliense, 1947; *A guerra dos escravos*, de Décio Freitas, Porto Alegre, Movimento, 1973; *Rebelião escrava no Brasil; a história do levante dos malês (1835)*, de João José Reis, São Paulo, Brasiliense, 1986.

tivemos momentos importantes de reação que se concretizaram na Revolta da Chibata, movimento dos marinheiros negros, em 1910, no Rio de Janeiro, contra os castigos corporais impostos pelos oficiais brancos, e melhoria salarial; a Frente Negra Brasileira que se tornou partido político e foi extinta em 1937, na ditadura de Getúlio Vargas; e na década de setenta, o surgimento do Movimento Negro Unificado, a maior expressão política da luta reivindicativa negra da atualidade no Brasil. Simultaneamente a essa movimentação de expressão política, os negros brasileiros reagem com as manifestações culturais de origem africana o que lhes permitiu manter laços de solidariedade grupal. No Rio de Janeiro, o momento de maior expressão cultural dos negros foram, em seu início, as escolas de samba. As transformações operadas nelas, antes reduto cultural do povo negro carioca, foram profundamente analisadas por Ana Maria Rodrigues, em seu livro *Samba negro – espoliação branca*. Nele, a historiadora relata como as escolas de samba tornaram-se atividade altamente lucrativa para brancos, bicheiros e traficantes de drogas e, conseqüentemente, o negro foi alijado da direção do seu produto cultural e dos benefícios dele advindos.

Mas, na Bahia, o processo de resistência consolidou-se. A maior expressão da resistência político-cultural à tentativa de anulação e apagamento das raízes africanas no nosso meio social, tem como marco a fundação do Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê,³ surgido em 1974, no Curuzu, Liberdade, bairro de maior contingente negro do Estado e quiçá do Brasil.

O Ilê Aiyê teve como referências teóricas, na sua idealização, as informações do movimento negro norte-americano da década de setenta, o “Black Power”; as lutas de independência dos países africanos (principalmente os de língua portuguesa) e a resistência cultural afro-brasileira originária do Candomblé. A partir deste referencial, o Ilê Aiyê desenvolve inúmeras teses sobre a necessidade da solidariedade dos negros entre si, a valorização e o respeito à mulher negra, a valorização das religiões de origem africana, o reforço à auto-estima dos negros, a afirmação de um padrão de beleza negra e, principalmente, o ensino informal da história das civilizações africanas, na medida em que a cada carnaval são homenageadas nações daquele continente. Também a história de luta do povo negro brasileiro é contada (a escola e os livros didáticos dão uma versão de péssima

³ Sobre a história do surgimento do movimento negro baiano atual e, particularmente, do Ilê Aiyê, leia “História de lutas negras: memórias do surgimento do Movimento Negro na Bahia”, de Jônatas Conceição da Silva, no livro *10 anos de luta contra o racismo do Movimento Negro Unificado*, São Paulo, Parma, 1988.

qualidade, além de apresentar uma visão eurocêntrica dos nossos fatos históricos), como aconteceu em 1989, na homenagem feita à República de Palmares, e, em 1991, quando se narrou a história da Revolta dos Búzios, conhecida oficialmente como Inconfidência da Bahia ou Revolta dos Alfaiates.⁴

Grande parte desta história que o Ilê Aiyê narra todos os anos vem sendo contada através das músicas de seus compositores. Privilegiamos para este trabalho uma rápida análise de quatro letras referentes aos temas brasileiros: Revolta dos Búzios e República de Palmares. A partir dessa análise, confirmaremos alguns aspectos da nossa tese da resistência político-cultural do Ilê Aiyê. As canções:

Revolução (autor: Willians Reis)

*A luta negra
Sempre existiu
Na Liberdade, Curuzu, Bahia, Brasil*

*Ilê, espelho da revolução
Faz universo lembrar
A Revolta dos Búzios
No seu desfilar*

*Luiz, Lucas, Manuel e João
Lutaram e morreram por estes ideais
Direitos iguais, bem-estar social
Difícil igualdade
Que a maioria sempre quis
Venha mais ligeiro fazer o planeta feliz*

*Ilê Ilê Ilê
Ilê Ilê Aiyê
O querer é o eterno poder*

A esperança de um povo (autor: Reginaldo Sacramento, “Reizinho”)

*Num canto envolvente
Vai meu sentimento, levar a tristeza
Num ego expresso vejo o Ilê Aiyê
Símbolo da raça negra*

*Revolta dos Búzios
História passada
Deixaram mágoa em Salvador
E o povo bahianense leu o boletim dos revolucionários*

⁴ Ver o livro *História da sedição tentada na Bahia em 1798*, de Luís Henrique Tavares, São Paulo, Pioneira, 1975.

*Homens cidadãos
Ó povo curvado
E abandonado pelo rei
O rei de Portugal*

*João de Deus, bravo guerreiro
Foi esquartejado, morreu enforcado
Por ser líder negro*

*A esperança de um povo
Que vivesse no mundo melhor
Liberdade, igualdade, respeito
Eu quero direito sem o preconceito*

*Liberta eu.
Liberta eu não quero sofrer mais não
Estou na beira do abismo correndo perigo
Cadê minha libertação?*

Nas canções “Revolução” e “A esperança de um povo”, os motivos mais enfatizados, como não poderiam deixar de ser, são os históricos relativos à Revolta dos Búzios. Esta revolta foi tramada para acontecer na Bahia, nos idos de 1798. O programa revolucionário do movimento veio a público através de vários boletins impressos que foram afixados nos pontos de maior afluência de Salvador, da época. A população, sem saber do que se tratava nas reuniões secretas dos revolucionários, lia, atônita, aquela audaciosa provocação ao governo de Portugal sem compreender que houvesse força e poder que ultrapassassem os daqueles que lhe obrigavam a pagar tributos e submeter-se, sem discutir, às ordens que lhe eram transmitidas em nome da Rainha D. Maria I, de Portugal (ver, em anexo, texto de um dos boletins).

A Revolta dos Búzios sofreu influência decisiva das idéias da Revolução Francesa de 1789. Na Bahia, a liderança negra e não-negra, popular e elitizada, traduzia essas idéias como: a instalação da República, a independência de Portugal, direitos de igualdade, liberdade e fraternidade e outras reivindicações a respeito de soldo, de uma já pequena burguesia baiana abrigada, basicamente, nas guardas militares e serviços burocráticos da colônia. A liderança negra da revolta, obviamente, não entendia porque também não reivindicar a libertação dos escravos. Coube a ela fazê-lo. João de Deus, um dos quatro líderes negros assassinados (apenas a liderança negra sofreu a pena máxima imposta por Portugal e o governador da Bahia; os brancos tiveram suas penas comutadas, foram degredados ou o próprio governo fez vistas grossas às suas punições), numa das fases do interrogatório expressa assim aquela reivindicação: “Que havia

muita pólvora, bala, e gente para o fim de reduzir o povo desta Cidade a uma igualdade, sem distinção de qualidade”. Em outro momento, João de Deus é mais explícito: “Que o seu barracamento havia de ser nas fortalezas, e que todos os cativos pardos e pretos ficarão libertos sem que houvesse mais escravo algum”.

Além de João de Deus, mais três líderes negros foram enforcados e esquartejados no dia 8 de novembro de 1799, na praça da Piedade, hoje área central de Salvador. Foram eles: Luiz Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas e Manoel Faustino. O processo de interrogatório e de imputação das penas correu em tempo recorde. O governo da Bahia precisava dar uma satisfação rápida a Portugal e mostrar que, enfim, a colônia brasileira estava em paz, em calma.

Na letra “Revolução”, de Willians, temos a destacar primeiramente a idéia de continuidade da luta negra por libertação: “A luta negra/ Sempre existiu”. Ao mesmo tempo que o autor particulariza o fato histórico (a luta negra na Bahia, no Brasil), também já introduz uma idéia de universalização. O Ilê Aiyê torna-se um espelho que reflete a revolução e faz o universo lembrar. As idéias universais da época que a liderança de Búzios absorveu foram as dos revolucionários franceses, principalmente. Willians as expressa assim: direitos iguais, bem-estar social, igualdade que a maioria (os negros) sempre quis. O autor fecha a sua canção com duas idéias mestras: a) a universalização – a luta dos oprimidos tornará “o planeta feliz”; b) superação mais permanência – sugeridas pela força do verso “O querer é o eterno poder”.

Na canção de Reizinho, “A esperança de um povo”, o aspecto que mais nos chama a atenção é o da subjetividade do poeta. O autor se envolveu de tal maneira com o drama dos líderes assassinados que o seu “canto envolvente” vai “levar a tristeza” através de um “ego” que é o Ilê Aiyê. Em alguns trechos da canção a voz do poeta e a voz do personagem da revolta (no caso, Reizinho privilegiou João de Deus) se identificam: “Liberta eu, não quero sofrer mais não/ Estou na beira do abismo correndo perigo/ Cadê minha libertação?”. No primeiro verso, o pronome pessoal de caso reto *eu*, usado singularmente em contexto oblíquo, deixa-nos com duas possibilidades interpretativas: refere-se ao drama histórico de João de Deus prestes a ser enforcado e esquartejado e, também, refere-se ao *eu* do poeta, ao negro brasileiro de hoje que, assim como a liderança da revolta, ainda luta contra a discriminação e por poder político, e é assassinado diariamente pelas polícias basileiras.

Temos ainda a destacar no poema de Reizinho: 1) a explicitação de traços da identidade étnica da liderança da revolta, na letra

representada por João de Deus (“Por ser líder negro” /// “Ilê Aiyê símbolo da raça negra”); 2) uma preocupação do poeta em retratar fielmente, com dados da história, o drama da revolta (“João de Deus (...)/ Foi esquartejado, morreu enforcado” /// “E o povo bahianense leu o boletim dos revolucionários” /// “Homens cidadãos/ Ó povo curvado/ E abandonado pelo rei/ O rei de Portugal”); 3) a leitura que os líderes negros ou não da revolta fizeram das teses da Revolução Francesa (“A esperança de um povo/ Que vivesse no mundo melhor/ Liberdade, igualdade, respeito/ Eu quero direito sem o preconceito”).

Vejamos agora outro importante momento da canção do Ilê Aiyê através das letras sobre a República dos Palmares:

Separatismo não (autor: Caj Carlão)

*Zumbi
Encarna no Ilê
E luta para esse povo ver
Lutar
Se elege Zumbi
O tradutor de Obá
Ilê Ilê*

*Ilê
Cresce, o seu poder é muito
Evolva essa força
Unifique essa coragem
Separatismo não
O egocêntrico não tece a união
Não espalha a nobreza
Aparta os corações*

Negros de Luz (autor: Edson Carvalho, “Xuxu”)

*Eu não tenho a força só porque sou o primeiro
É simplesmente por ser Ilê
O quilombo dos negros de luz
Saudando a força de todos os quilombolas
Que lutaram bravamente para manter viva
A nossa história*

*Vamos exaltar a heroína Zeferina
Acotirene experiência e o saber
Aqultune guerreira princesa negra
Negra Dandara rainha da beleza
Ganga Zumba outro nosso grande líder
A todo povo que a raça negra fez valer
Esse quilombo que hoje completa 15 anos*

*Ao líder quilombola Vovô do Ilê Aiyê
A epopéia negra hoje é narrada
E vai cantando o coral negro Ilê Aiyê*

*Se tiver de ser!
Será assim: nós faremos Palmares de novo
Vamos escrever a nossa verdadeira história
Zumbi não morreu, ele está vivo em cada um de nós
Será que eles não vêem?
Será que eles não ouvem o nosso grito de liberdade
Valeu Zumbi!*

No ano de 1989, o Ilê Aiyê, pela primeira vez, narrou um tema baseado na história do negro brasileiro. Isso aconteceu para se contrapor às comemorações oficiais pelos 100 anos da abolição do trabalho escravo no Brasil que a elite branca tenta nos passar como uma dádiva da Princesa Isabel.

O referencial do Quilombo dos Palmares para nós, negros brasileiros, e para setores não-negros ao nosso redor, é o de maior significação da luta negra contra a escravidão de ontem e, hoje, de luta contra o racismo e a discriminação que sofre a população de origem africana no Brasil.

O Quilombo dos Palmares, organização negra anti-escravista que resistiu durante 100 anos aos ataques imperialistas europeus (de Portugal e Holanda, principalmente) de 1595 a 1695, ano em que Zumbi, seu último líder, foi assassinado no dia 20 de novembro, constitui-se na única, até agora, experiência democrática brasileira. Este fato da nossa história continua, até hoje, apesar do esforço do movimento negro, sendo pouco pesquisado e conseqüentemente não absorvido pela escola brasileira. Sem dúvida, pelo fato da experiência palmarina ter sido patrocinada por negros.

O poema de Caj Carlão nos passa a história da saga de Zumbi através de motivos religiosos do Candomblé. No vocabulário do poema sobressaem palavras que são típicas de um discurso religioso ou se aproximam dele: “encarna”, “força”, “poder” (no sentido de poder espiritual). Esta característica do poema se concretiza quando o autor “elege Zumbi/ O tradutor de Obá”. Obá é um orixá feminino da cultura nagô pouco cultivado no Brasil, sendo conhecido principalmente por quem já teve contato com as lendas sobre as três mulheres de Xangô: Iansã, Oxum e ela própria, Obá. É o orixá de um rio do mesmo nome que fica na Nigéria, associada à água doce, como outras “mães d’água”. Obá se associa à água revolta, onde cada onda se choca, num movimento contínuo que reforça miticamente

a imagem de luta constante, de angústia e de guerra associada ao mito e ao arquétipo de Obá.⁵

Foi esse mito e arquétipo de Obá que, sem dúvida, fez Caj Carlão associar ao mito guerreiro e de luta de Zumbi. Toda esta tradição “encarna no Ilê” para lutar. Na segunda estrofe, o poeta explicita para quem a luta: “Evolva essa força/ Unifique essa coragem/ Separatismo não”. Esses temas são da luta palmarina mas também são do Ilê Aiyê em nossos tempos: maior solidariedade entre os negros, força e coragem para continuar a desenvolver a luta do arquétipo de Obá, da luta de Zumbi e agora a do próprio povo negro do Ilê.

Edson Carvalho desenvolve o seu poema “Negros de luz”, um dos mais belos da canção brasileira, a partir de três motivos básicos: a) define o Ilê Aiyê como quilombo, “O quilombo dos negros de luz”; b) narra a epopéia negra dos líderes quilombolas; c) propõe a retomada da luta palmarina – “nós faremos Palmares de novo”.

A definição do Ilê Aiyê como um quilombo associa as teses atuais do Bloco a um passado de luta negra da maior qualidade, cristalizada no Quilombo de Palmares. Essa associação, para o poeta, é que fornece a força para os negros de luz “manter viva/ A nossa história”. Edson Carvalho, na segunda estrofe do poema, cita e exalta as diversas lideranças negras de Palmares. Pedagogicamente, isso é da maior relevância, face ao fato de a história oficial do Brasil sempre ocultar a existência de heróis negros. O autor vai mais além, ao atualizar a relação de líderes que fizeram “a raça negra valer” com o nome do presidente do Bloco: “Ao líder quilombola Vovô do Ilê Aiyê”.

Fechando o seu poema, Edson Carvalho propõe a retomada da luta palmarina em nossos dias atuais: “Nós faremos Palmares de novo”. Esta retomada não será simbólica, pois “Uma verdadeira história” está para ser, agora sim, escrita, já que cada negro do Quilombo Ilê Aiyê tem em si Zumbi vivo, ou encarnado como quer Caj Carlão no seu poema “Separatismo não”.

⁵ A descrição do orixá Obá foi retirada integralmente da coleção “Os Orixás”, da Editora Três, São Paulo.

Aviso ao povo Bahianense

Ó vós Homens Cidadãos, ó vós, Povos curvados, e abandonados pelo Rei, pelos seus despotismos, pelos seus ministros...

Ó vós Povo que nascestes para sereis Livres, e para gozares dos bons efeitos da Liberdade; ó vós Povos que viveis flagelados com o pleno poder do indigno coroado, esse mesmo rei que vós creastes; esse mesmo rei tirano é quem se firma no trono para vos vexar, para vos roubar, e para vos maltratar.

Homens, o tempo é chegado para a vossa ressurreição, sim para ressuscitareis do abismo da escravidão, para levantareis a Sagrada Bandeira da Liberdade.

A Liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento: a Liberdade é a doçura da vida, o descanso do homem com igual palalelo de uns para outros, finalmente a Liberdade é o repouso, e bem-aventurança do mundo.

(...) as nações do mundo todas têm seus olhos fixos na França, a Liberdade é agradável para todos: é tempo Povo. Povo o tempo é chegado para vós defendereis a vossa Liberdade. O dia da nossa revolução, da nossa Liberdade e da nossa felicidade está para chegar, animai-vos, que sereis feliz para sempre.

* Este texto reproduz quase fielmente um dos boletins dos revolucionários da Revolta dos Búzios, de 1798. Extraído do livro *História da sedução inventada na Bahia em 1798*, do Prof. Luís Henrique Tavares.